

# TIM-TIM POR TIM-TIM



Damos croquis dos costumes e *travestis* que as duas divas da revista do anno, Pepa e Laura Godinho, ostentam no quadro novo, representado pela primeira vez na noite do beneficio de Sousa Bastos. Em todos elles ha a desenvoltura e a elegancia de figurinhas de Grévin. O successo do *Tim-tim* accentua-se de dia para dia, e não ha amator do bello e de photographia, que não tenha ido a Rua dos Condes admirar as duas Mephistophelas da peça, e tirar clichés das suas poses.

## Por ahí...



Esta semana pôde dizer-se que o verdadeiro acontecimento do dia teve lugar á noite.

Não nos lembra agora se já tínhamos visto a luz do dia quando Lisboa viu a luz da noite da velha companhia do gaz, e não podemos por isso testificar qual fosse então a surpresa e o entusiasmo da cidade n'essa transicção do candeeiro de azeite de purgueira, que dava ca-

bo da vista, para o candeeiro de illuminação a gaz — que por seu turno veio igualmente dar cabo de muita vista, a despeito de ter proveniencia á Boa Vista.

De onde se prova não ser orthodoxo que determina-das causas venham a produzir contrarios effeitos.



Não sabendo do entusiasmo que foi em Lisboa por aquelle tempo, claro é que não podemos contrabalançar-o com o entusiasmo de que a mesma Lisboa fez publica manifestação, na noite do ultimo sabbado, festejando a inauguração dos novos candeeiros.

Natural condicção dos novos, que agradam sempre mais de que os velhos, conquanto estes se povonciem vaidosos de que já não haja rapazes como os do seu tempo, imaginando-se insubstituíveis, na sua senil pro-sapia e suppondo que, em elles acabando, acaba tam-bem o mundo, á laia de quem sente cumprida a sua missão na eternidade!

Pobres ginjas pretenciosos!



Foi assim a velha companhia do gaz.

Ao annunciarem-lhe que ia entrar em scena a sua nova competidora — debute em que ella nunca acreditára — sorriu desdenhosamente, como da estreia da ingenua sorri a velha actriz gloriosa — nem que ella fosse gloriosa, a companhia da Boa Vista! — e disse lá com os seus botões:

— Que grande fiasco vai fazer a petulante! Que patçada! que batatas! que assobios! Até os defuntos patacos são capaz de se erguer do tumulo, para virem arremear-se de esfuziada nas trombas da delambida!

E, consciente da sua força e do seu valimento sem segundo, mandou vedar com arames as torneiras dos seus velhos candeeiros — como a decadente cocote, que se fecha no quarto á chave, mas fica de ouvido á escuta, ansiosa por que lhe supliquem um ar da sua graça — e fez afixar em todos os jornaes este annuncio em letra gorda, declinando uma responsabilidade com que ninguem a sobrecarregára:

«A Direcção d'esta Companhia avisa o publico que tendo findado hoje, 31 de maio, o contracto celebrado com a ex.<sup>ma</sup> camara municipal para a illuminação da antiga area da cidade de Lisboa, e não tendo sido pedida nova prorogação, esta companhia cessa, a partir de amanhã, 1 de junho, de illuminar a cidade, deixando a responsabilidade do que houver a quem competir.»



Mal comparado, faz lembrar o borrachão a quem a policia *convencia*, a golpe de murro, que marchasse para a esquadra:

— Visto que me pede com *tão bonitas maneiras*, não tenho alma de dizer que não...

Assim tambem a velha companhia do gaz: tendo de jessar os seus serviço, visto que a punham no olho da rua, vem declarar nobremente nos jornaes que *cessa*, provavelmente á espera de que lhe implorassem com humildade:

— Não cesses, ó menina!

E ella poder repetir com arrogancia:

— Cesso! cesso! cesso!

Depois de ver como lhe falharam todas as esperanças do fiasco da sua competidora, é de crer que ella tenha repetido, mas com inflexão mais de despeito que de arrogancia:

— Cesso! cesso! cesso!



No domingo teve lugar o segundo comicio na quinta da Torrinha, afim de se protestar contra a marcha do governo.

D'esta vez, os protestantes contra a marcha não tiveram de marchar a toque de caixa fugindo da policia, mas viram-se obrigados a fazer o mesmo para fugirem da chuva.

Não houve mosquitos por cordas, mas houve cordas d'agua, e assim se lançou agua na fervura da sagrada chalcira dos interesses partidarios.

Molhou por molho, antes este que mette chapeu de chuva que o outro que mette bengalla.

Quanto á marcha do governo parece não soffrer modificação com a contra-marcha dos comicios.

Não ha nada que lhe interrompa a marcha! Aquillo vai de papo feito, para a immortalidade, com escala para uns syndicatosinhos.

De papo feito, creciam n'isso!

*João Saraiva*

## De raspão...



A policia tem andado a expulsar das ruas concorridas, todas as casas d'amor onde ella não tem provavelmente *hourí* marcada. Foram já mandadas sahir da rua do Arsenal todas as pegas do vicio que alli chamavam em voz alta os transeuntes; mandadas fechar as espociras da rua Augusta e da Rua da Prata... e como atégora as auctoridades não hajam fixado bairro ás cidadãs... a quem mais devem as industrias algarvias, estamos sem saber onde que não ellas encaixar as supraditas. Concordaremos que não seja excessivamente comoda, para as pudibundas gentes, a visinhança d'aquellas aves migradoras, que sobre pedirem *medio beef* a quem passa, teem ás vezes com as janellas fronteiras ás suas taboinhas, singulares e nunca assaz pictorescas liberdades. Entretanto, relegar d'uma rua p'ra outra os lupanares, a pretexto de que os costumes perigam na primeira rua, e não perigam na segunda, é uma parvoice official de todo o ponto incoherente—des'que não ha uma ilha Cythera exclusivamente consagrada aos sacrificios da volupia, longe das vistas da innocencia, e com portas, guarda-fiscal, direitos de barreiras, e egrejas, hospitaes e restaurants d'estylo typico, em harmonia com o culto das onze mil virgens e do deus mercurio, professado alli.

Não nos queremos intrometter de modo algum nas deliberações que a policia e o concelho de hygiene por certo haverão tomado em questão de tal guiza, posto vamos dizer aqui, baixinho, a nossa opinião.



Evidentemente, a policia não tem ainda cidadella escolhida, onde fechar as irregulares que por ahi andavam até agora, desgarradas. Ella não pôde em boas razões mettel-as, por exemplo, no palacio da Ajuda, nem nos cazarões do patriarcha, nem nas secretarias do Estado, nem debaixo da Arcada, nem aboletal-as tão pouco, penso eu, por alguns d'esses populosos quartéis da guarnição.

Era violar o prestigio de certos d'esses edificios-catacumbas, erguer a reputação d'outros, e estabelecer nos restantes um terrivel assalto de concorrência.

Mettel-as nos conventos de freiras, hoje ás moscas—Deus nos acuda!—seria a continuação das ordens religiosas, sob os mesmos codigos de moral *odivellense* que lhes outorgou D. João v—e ainda n'este caso a concorrência iria cavar-lhes rivalidades, por banda do beaterio das sachristias, S. Luiz incluído.

Ora, sendo certo por outro lado, que todas as nossas pequenas industrias bastardeam, faltas de alento, e que em todos os cyclos d'actividade industrial, reina a tendência monopolisante, dir-me-hão os senhores:

—Seria asneira explorar esta industria do amor por meio d'um syndicato, caso o marquez da Foz quizesse entrar... —ou não querendo, não poderia o sr. Marianno de Carvalho, organizar a *régie* das itaifras, com uma zona de protecção por toda a raia (aquella Hespanha!) e a administração geral do sr. duque d'Albuquerque?

Sómente deveria o governo ser menos liberal com os empregados d'esta, do que o está sendo com os da *régie* dos tabacos—que todos teem tabaco de borla. N'esta *régie* do amor, assentariam os n'isto—pitadas, pagãs!



Diz o *Noticias*.

«Inaugurou-se em Coimbra o uso da palmatoria, para os menores empregados nas obras do caes, em Coimbra...»

E trez minutos depois:

«Os talhos da capital abriram hontem apenas com a carne que lhes tinha ficado da vespera. Por consequencia a maior parte das familias de Lisboa tiveram de jejuar... isto é, de comer peixe.»

Dar palmatoadas nos pequeninos do caes, coisa brutal! Mas o *Diario de Noticias* não traria asneiras, se o sr. Brito Aranha mimoseasse com ellas, os pequeninos da redacção. Em verdade, o unico peixe que alguém estando em jejum, pôde comer, ficando sempre em jejum—o linguado—diz o jornal que não appareceu á venda hontem... pelo menos nas canastras das peixeiras.



O conselheiro Carrilho, da estatística, ao fim de cálculos e ordenações annuaes, de muitas libras, publicou no *Diario* um estudo em que se prova que um homem de cincoenta annos, tem gasto exactamente tres da sua vida, a abotoar o collarinho da camisa. Porém tendo o collarinho apenas um botão, e as calças seis, segue-se que, na hypothese do homem abotoar a camisa tantas vezes como as calças, gastaria elle n'esta ultima tarefa, dezoito annos.

Entretanto, a hypothese é inadmissivel. O homem aperta-se e desaperta-se mais

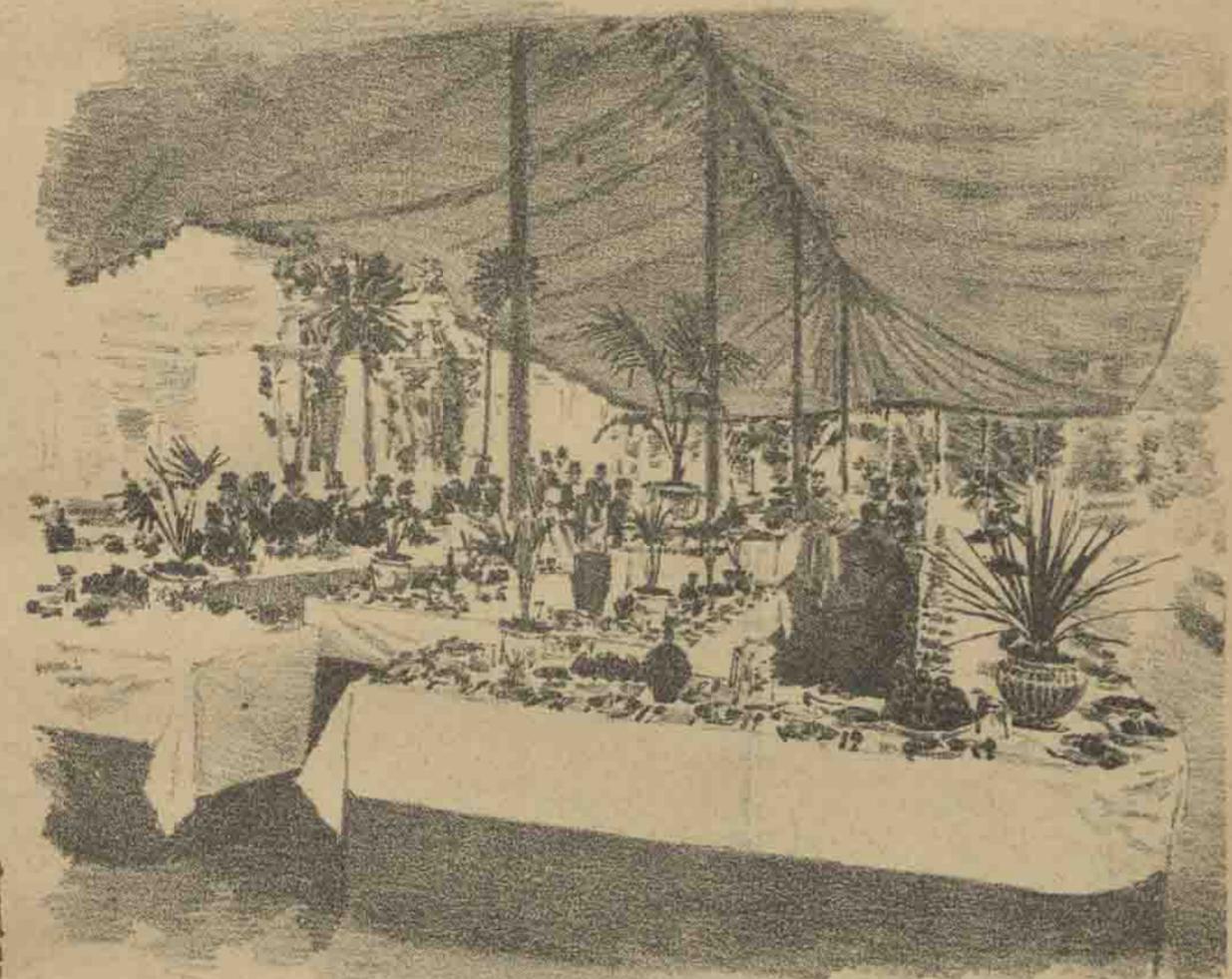
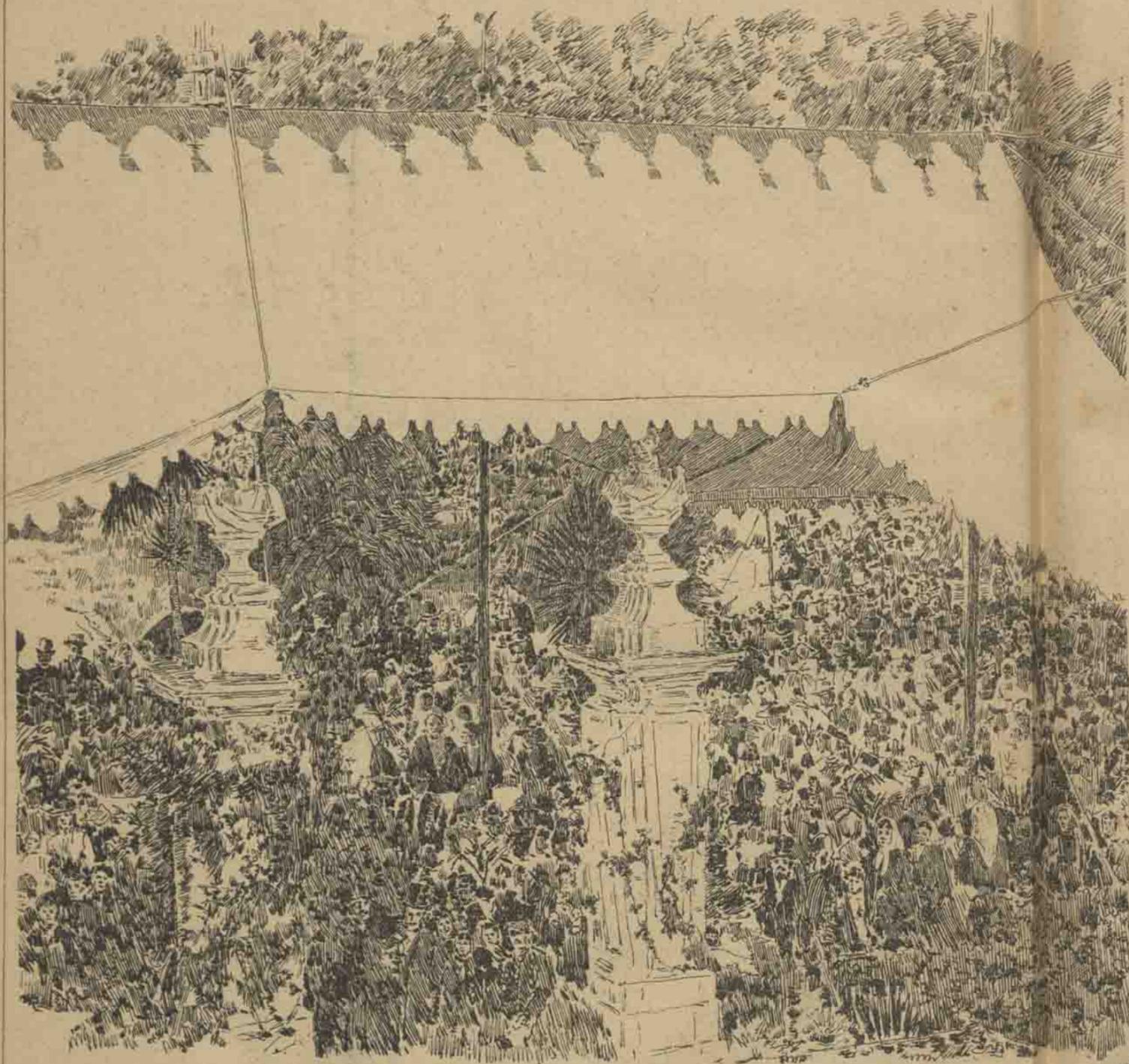
—*Está provado!*

da cintura pr'a baixo, do que da cintura pr'a cima. Por todas as razões, sociaes e organicas, todas ellas de força maior.

Calculemos seis vezes mais—teremos pois, seguindo sempre os calculos do conselheiro Carrilho, que todo o cidadão que attinge os cincoenta annos, gastou pelo menos cento e oito da sua vida abotoar a berguilha.

—Aqui se vê, senhores, o que é a mathematica!

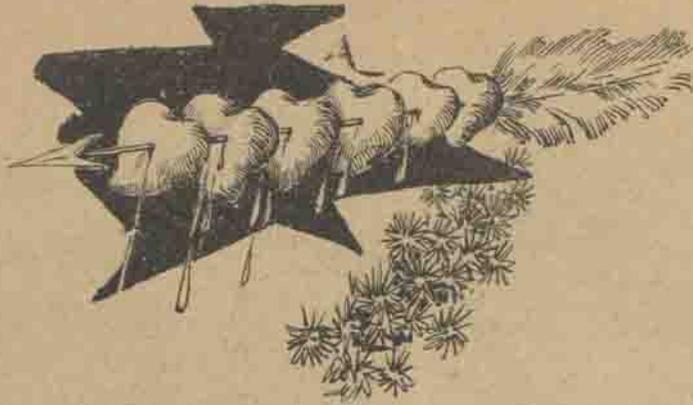
## FESTA BURNAY



Nos jardins dos condes de Burnay teve lugar, em quinta feira d'Ascensão, um grande lunch a quatrocentas eranças d'asylos e das operarias, seguido d'uma venda de flores a beneficio dos pobres da freguezia d'Alcantara.

Esta graciosa caridade dos condes, destinava-se a comemorar fidalgamente a primeira communhão de M.<sup>lle</sup> Sophia Burnay, sua filha, uma creança encantadora — e foi seccundada pelo impulso, ao mesmo tempo magnanimo e gentil de todas as senhoras e cavalheiros da primeira sociedade. Os desenhos que damos, do aspecto da meza, e dos jardins inundados de gente, são inspirados de photographias de Rochini e de Manoel Barbosa, cujo concurso n'esta obra de homenagem aos condes de Burnay, agradecemos.

## A FESTA DA LAURA



Quarta feira, p'ra rua dos Condes.  
Toda a vasta Lisboa se exhaura,  
Desde o rei aos mais pifios viscondes.  
Ninguem falta na festa da Laura.

P'ra logar conseguir na Avenida  
Uma guerra decerto se instaura!  
— Quem por gosto não dá mesmo a vida  
P'ra gozar uma festa da Laura? !...

*por Francisco*

## O MEETING



Convocara-o o sr. José Elias Garcia, com o fim d'acordar nos meios de pedir ao governo garantias para o direito de reunião. Ao local designado, foi muita gente, — que a reunião promettia effeitos d'eloquencia, a ponto de se mandarem escripturar a provincia, todos ou quasi todos os Demosthenes sem escriptura, actualmente. Ainda os primeiros reptos de fogo não tinham sahido da bocca flamigera dos republicos, eis senão quando os campos da Torrinhã são inundados por uma batega de chuva; e agora vereis como todos debandam; meza e oradores, patriotas, correligionarios do Elias, e simples curiosos — todos pingando miseravelmente, pelas terras fora, sem guarda-chuva nem entusiasmo, distingidos das convicções politicas com que haviam sahido de casa, e prestes a rogarem pragas ao Padre Eterno e ao Ze Elias, que de combinação lh' haviam pregado aquella molha.

## COLYSEU



Na *Mairna* admirava-se um baino ferocissimo, de suissas em virgula, e voz possante, que chegr a fazer medo á platea, sebetudo na scena do segundo acto. Homem damnado! que se agarra a gorducha da tiple, em termos de a fazer dançar um bolero, sem ella querer. Mathilde Franco, a tiple, é uma reboluda mulher de typo castelhano e naris recurvo, cuja voz aliaz fresca, tem o ar de sahir de dentro d'um ovo d'avestruz. Foi ella a unica figura que nós, do sitio affastado em que estavamos, podémos ver a olho descoberto. Mas essa vimol-a bem, caramba!

## A Paris!...

Quem gosar doce miragem  
Da exposição de Pariz,  
E p'ra os gastos da viagem  
Não tiver uma de X;

Quem de raiva em largo arranco  
Fumegar comò eu fumego,  
Por não ter acções no banco  
Nem oiros p'ra pôr no prego;

Quer, embora a sorte adversa,  
Ver Pariz de lés-n-lés?  
— Dé dois dedos de coaversa  
**Ao Fosseca — Dia 10!**

## GAZ NOVO



Desde a inauguração dos candieiros novos, que em Lisboa as noites parecem dias, e os dias, noites, tão scintillante, tão clara, tão excessiva a luz que d'elles jorra. Lua e sol estão furiosos com este rival que á ultima hora lhes surge, a destruir-lhes os credits, ha tantos milhares d'annos assentes. E o povo, que por experiencia já sabe que ás grandes marés d'abundancia succedem sempre baixamares de penuria franciscana — o povo ao ver a orgia de gaz que lhe dão agora, não se cança em dizer que estes fogachos são provavelmente sol de pouca dura. Se tomamos no nosso desenho a liberdade de vestir o sr. Fernando Palha de cidade de Lisboa, anparada a um candieiro dos velhos, que o illustre presidente da camara nol-o releve. Mas temos notado a predilecção de s. ex.<sup>a</sup> pelos costumes galantes d'opereta (e mesmo de Revista) e feito o diagnostico longinquo, de que n'esta guerra de gazes, s. ex.<sup>a</sup> parece querer tomar uma attitude de Rainha Santa Izabel, reconciliadora de combatentes, no proprio campo das suas escaramuças.